

Estudo mostra queda do prestígio acadêmico no País

Pesquisa revela que quase 80% dos professores universitários brasileiros acham que o respeito pelo mundo acadêmico está em declínio; participaram da avaliação outros 13 países

PAULO SOTERO
Correspondente

WASHINGTON — Quase 80% dos professores universitários brasileiros acham que o respeito pelo mundo acadêmico está em declínio no País e menos de 30% colocam os integrantes de sua profissão entre os mais influentes formadores de opinião. A maioria tem uma opinião negativa sobre a qualidade de seus estudantes. Acham, por exemplo, que apenas um terço de seus alunos são bons ou excelentes e não têm muita esperança no futuro. Em sua opinião, menos de um quarto dos jovens brasileiros são capazes de completar o curso secundário. E, destes, não mais do que a metade deveria ter acesso à universidade.

Eles não estão sozinhos em seu pessimismo. Um estudo divulgado ontem pela Fundação Carnegie para o Progresso do Ensino, em Washington, revelou que há uma surpreendente uniformidade nas opiniões de professores e pesquisadores de instituições superiores em 13 países avançados e subdesenvolvidos, mais Hong Kong, sobre o estado de sua profissão e das relações desta com a realidade em torno. Trata-se do primeira pesquisa desse tipo em escala internacional.

Seguindo um modelo de enquete usado há 25 anos nos Estados Unidos pela Fundação Carnegie, 20 mil professores responderam a um questionário de 70 perguntas. O Brasil contribuiu com o terceiro

maior número de respostas (981, ou apenas 19 menos do que o total esperado), atrás apenas dos Estados Unidos e da Inglaterra.

Os professores Simon Schwartzman e Elizabeth Balbachevsky, do Núcleo de Pesquisas de Educação Superior, da Universidade de São Paulo, são os coordenadores do estudo no Brasil. No fim do ano, eles divulgarão uma análise específica

QUESTÕES FORAM RESPONDIDAS POR 20 MIL

dos resultados, junto com os demais participantes: Austrália, Chile, Alemanha, Israel, Japão, Coréia do Sul, México, Holanda, Rússia, Suécia, Inglaterra e Estados Unidos. O plano é repetir a enquete a cada cinco anos.

Salário baixo — A exemplo do que ocorre nos outros países examinados, os professores universitários brasileiros dão grande valor a seu engajamento político na busca de solução para os problemas do País. Mas, para eles, a universidade não é lugar de se começar a corrigir a perversão social do sistema educacional brasileiro. Menos de 20% concordam que os padrões de admissão deveriam ser rebaixados para permitir um maior acesso de estudantes pobres.

Obviamente, os acadêmicos brasileiros acham que ganham pouco (só 25% se dizem satisfeitos) e perto de metade tem um outro emprego, não acadêmico, para completar o salário. Embora requeiram que suas idéias poderiam ser mais bem aproveitadas, a maioria não tem muitas queixas sobre a "atmosfera intelectual" das insti-

tuições nas quais trabalham. E são minoria os que vêem sinais de autoritarismo na administração universitária ou a falta de liberdade acadêmica. Apesar das dificuldades, e de quase 50% acharem que este não é um momento propício para os jovens se lançarem na profissão acadêmica, cerca de 85% não se arrependem da escolha que fizeram e a repetiriam.

Cerca de 60% dos que responderam ao questionário no Brasil são homens na faixa dos 40 anos. O estudo confirma a situação precária da atividade de pesquisa entre os profissionais da educação superior nacional. Nessa área, o professores brasileiros são os que mais se queixam da falta de fundos. E, como se sabe, publicam muito pouco. Embora digam que a pes-

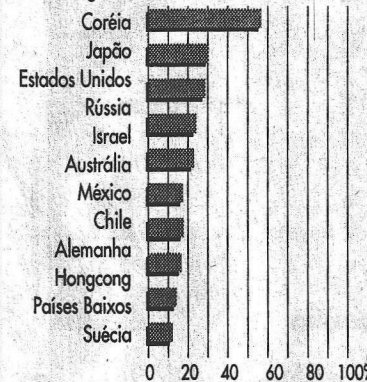
PERFIL DO DOCENTE NO MUNDO

A Fundação Carnegie pelo Avanço no Ensino está divulgando sua primeira pesquisa internacional: A Carreira Acadêmica - Uma Perspectiva Internacional. A pesquisa, que levou dois anos, baseou-se na opinião de 20 mil professores de 13 países e de Hongkong.

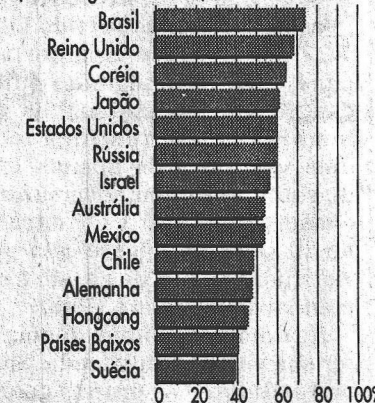
Os acadêmicos estão entre os líderes mais influentes do meu país (Porcentagem de acordo)



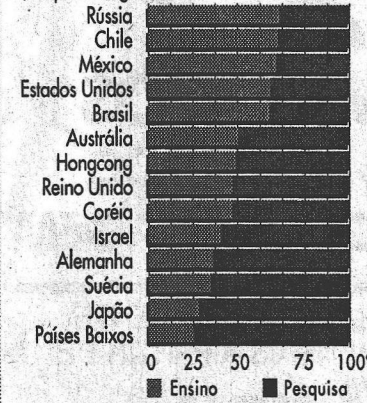
Os alunos não formados estão preparados adequadamente quanto à habilidade de comunicação escrita e oral (Porcentagem de acordo)



O respeito pelos acadêmicos está em declínio (Porcentagem de acordo)



Seu maior interesse diz respeito ao ensino ou à pesquisa? (Em porcentagem)



Fonte: The Washington Post

Salário Médio nos Estados Unidos, por nível acadêmico 1993-94 (Por ano e em dólar)

Cursos de doutorado		Cursos de bacharelado	
Professores	68.700	Professor	50.080
Professor Associado	48.630	Professor Associado	39.960
Assistente	41.130	Assistente	33.450
Monitor	29.230	Monitor	27.260
Cursos de mestrado		Cursos de licenciatura curta	
Professor	56.450	Professor	48.670
Professor Associado	40.070	Professor Associado	40.550
Assistente	37.420	Assistente	34.670
Monitor	28.760	Monitor	29.630

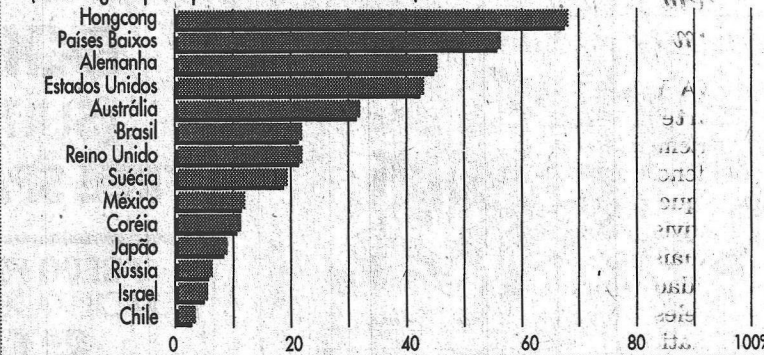
Fonte: American Association of University Professors

Renda média de todos os adultos norte-americanos que tiveram salários em 1992 (Por ano e em dólar)

Profissional Liberal (médicos, advogados, dentistas)	59.459
Doutorado	49.437
Mestrado	36.193
Bacharelado	23.302
Alguns estudantes sem diploma	15.200

Fonte: Atual Pesquisa Populacional, Censo USA

Salário Médio nos Estados Unidos, por nível acadêmico 1993-94 (Porcentagem que respondeu "bom" ou "excelente")



quisa é importante na avaliação de seu trabalho, apenas 25% responderam que publicar é essencial para avançar na carreira e menos de 10% disseram que se sentem pressionados a pesquisar mais.

O estudo constata, também, o relativo isolamento da vida universitária brasileira em relação ao resto do mundo. Mais de dois terços dos acadêmicos brasileiros

mantêm ligações com colegas no Exterior, como parte de seu trabalho, e dependem de publicações estrangeiras para se manter informados. Mas apenas um terço viajou ao Exterior para fazer pesquisas nos últimos três anos, e menos de 10% trabalhou em instituições estrangeiras no mesmo período — médias bem inferiores às dos demais países estudados.